

RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE TRABALHO COM MITOLOGIA GREGA NO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DO FILME E DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS “HÉRCULES”

Josefa Maiara da Silva ¹
Renata Medeiros V. Marinho ²
Valdelice da Silva Andrade ³
Senyra Martins Cavalcanti ⁴

1. INTRODUÇÃO

O presente texto refere-se a uma experiência didático-pedagógica desenvolvida dentro das atividades do Projeto de Extensão “Cinema e Educação Histórica no Ensino Fundamental”, coordenado pela professora Senyra Martins Cavalcanti. A experiência foi desenvolvida em uma escola pública estadual na cidade de Campina Grande-PB, no período de 11 de maio a 6 de julho de 2018, nas salas de aula dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

O objetivo geral do projeto foi trabalhar o mito grego de Hércules a partir do filme “Hércules” (dir. Brett Ratner, 2014) nos anos finais do ensino fundamental, discutindo as seguintes questões: o lugar do mito na Grécia Antiga, o lugar dos oráculos na vida do povo grego; a organização do panteão dos deuses e semideuses gregos.

Para a viabilização do projeto, nos apropriamos das aulas vagas no decorrer da semana, deixadas pelo componente letivo da Educação Física que acontecia no contra turno. A fim de nos acomodar ao tempo da aula, precisamos assistir ao filme completo e editá-lo deixando cerca de um quarto do conteúdo, mas sem perder o sentido da história. Também trabalhamos a HQ Hércules (Ryan Foley, 2014) presente na caixa no Jovem Leitor da escola.

2. BREVE HISTÓRICO DO CINEMA E DO MITO

Ferro (1992) nos lembra sobre o período em que o cinema, em sua criação, não era considerado como fonte de estudo para os historiadores/pesquisadores, muito embora criasse e divulgasse mitos, crenças e ideologias. Sabemos também que o mito, em sua gênese, era o meio de conhecimento mais prestigiado pelo povo da Antiguidade Clássica Greco-Romana, tratava-se de um conhecimento do senso comum e de uso cotidiano para dar significado ao mundo. Com o passar do tempo, o *status* de ambos foram se modificando.

A partir dos anos 70, o cinema passou a ser considerado como um novo objeto de atenção dos historiadores e o conceito de documentos históricos foi redefinido e passou a incluir produções tais como: filmes, documentários, pintura, música, fatos do cotidiano, diários pessoais, dentre outros. No que diz respeito ao cinema, surgiu em 1895 com a iniciativa dos irmãos Lumier, na França, a partir do registo em poucos segundos de

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), maiara.silvaped@gmail.com

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), renatamvmarinho@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), valdeliceandrade@hotmail.com

⁴ Professora do Departamento de Educação (CEDUC/UEPB), coordenadora de projetos de extensão e PIBIC (UEPB), Mestre em Sociologia (UEPB) e doutoranda em História (Universidade de Coimbra), senyra.cavalcanti@gmail.com

funcionários da fábrica de sua família saindo de um expediente normal. Como qualquer “inventor”, os irmãos foram criticados e desacreditados por muitos em sua época. Outros também começaram a produzir imagens animadas de lugares e pessoas e mesmo países com governos ditatoriais passaram a usar as produções fílmicas para “doutrinar” o povo, conseguir aprovação em seus projetos e continuar no poder. Entretanto, com o grande desenvolvimento do cinema, e sua considerável popularização, pessoas ligadas aos movimentos sociais e sindicais também conseguiam produzir filmes de baixo custo, mas com boa qualidade e sem o objetivo de “enganar a realidade”.

Na contemporaneidade, usufruímos de meios de comunicação, tais como TV e cinema, que transmitem fatos históricos e buscam aproximar as imagens da realidade vivida por muitos. O cinema possui uma certa peculiaridade, pois expõe o real e o latente deixados de lado por muitos historiadores conservadores, evidenciando que as imagens fílmicas podem ser produzidas por diferentes realizadores e a percepção das imagens pode ser analisada de diversas formas pelo espectador. Assim, em determinados episódios históricos, podemos verificar como imagens podem ser produzidas e influenciar questões sociais em direção à adesão a projetos totalitários, ditatoriais ou fascistas. Segundo Ferro (1992, p. 28),

a História é compreendida do ponto de vista daqueles que se encarregaram da sociedade: homens de Estado, magistrados, diplomatas, empreendedores e administradores. Foram eles precisamente, que contribuíram para a unidade da pátria, para a redação das leis sagradas que nos faz livres, etc.

O filme é observado como fonte de hegemonia no início do século XX, na medida em que atenderia aos interesses da classe dominante. Aqui podemos notar como a ideologia, as crenças, as verdades ditas absolutas são usadas para impor na sociedade uma concepção de mundo, de modos de pensar e agir dos indivíduos. Neste contexto, o cinema é desvalorizado pelas pessoas ditas cultas e pertencentes à classe dirigente, na medida em que as imagens não eram suficientes para serem alvo do estudo dos historiadores, como objetos de pesquisa. Ferro (1992, p. 29) comenta:

Assim, para os juristas, para as pessoas instruídas, para a sociedade dirigente e para o Estado, aquilo que não é escrito- a imagem- não tem identidade: como os historiadores poderiam referir-se a ela, e mesmo citá-la? Sem pai nem mãe, órfã, prostituindo-se em meio ao povo, a imagem não poderia ser uma companheira dessas grandes personagens que constituem a sociedade do historiador: artigos de leis, tratados de comércio, declarações ministeriais, ordens operacionais, discursos.

O cinema atrai qualquer tipo de público, até mesmo porque como produto cultural se desenvolveu para além de um entretenimento padronizado. O cinema possui diferentes gêneros e sub-gênero, escolas cinematográficas, tendências e temas; é mudo, é falado, é documentário, é científico, é histórico... e seu uso atende a diferentes objetivos. No caso aqui deste relato de experiência, o nosso objetivo era o entendimento do mito de Hércules através do cinema e o seu contexto histórico. Convencionalmente estudado em filosofia, por se tratar de entendimentos do mundo, o mito pode fazer parte de outros universos. Na História, podemos usá-los para entender sociedades antigas. O mito é uma história contada “de boca em boca”, sua repetição torna-o popular e fonte de explicação do mundo para os indivíduos. Os mitos normalmente narram histórias de seres mágicos, mas nem sempre, aqui preferimos um mito clássico e ligado ao heroísmo, a lealdade e a virtude.

3. O CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO DA EDUCAÇÃO: NA PRÁTICA

Durante todo o projeto utilizamos filmes como recurso didático-pedagógico para as abordagens dos mitos na Antiguidade Clássica Greco-Romana, a partir da crença de que o cinema possui forte relevância para o estudo de episódios históricos. Na experiência pedagógica, unindo cinema e mito podemos fazer questionamentos, atraindo discussões com diferentes posicionamentos por parte dos adolescentes.

Baseadas na tipologia de esferas de Propp (2006), recortamos o filme de modo que conseguíssemos mostrar aos jovens o protagonista que é o **herói**, a existência da **vilã**, o **conflito** que originou o desenrolar dos trabalhos de Hércules e o personagem que encarna o **doador** que o ajudou na sua jornada. Foi possível também observar a presença de **pares binários** (bondade x maldade/justiça x injustiça/trapaça x moral/mortalidade x imortalidade).

Segundo Rosenstone (2010), no final da década de 1960 alguns historiadores interessados em filmes começaram a criar encontros, revistas e livros a partir da conferência “o filme e o historiador” realizada na *University College*, em Londres, seguida de muitos encontros em diferentes universidades resultando na fundação de uma Associação Internacional para Mídias Audiovisuais e História.

Os três livros que surgiram desses primeiros encontros tratavam sobretudo de duas questões: primeiro, como o filme de atualidade podia ser usado como ferramenta de ensino na sala de aula. O primeiro a ser publicado foi *THE History and Film* (1976), uma coleção de ensaios escritos (principalmente) por historiadores britânicos que focava questões relacionadas à cinejornais e filmes na sala de aula e como avaliar os filmes como evidência histórica. (ROSENSTONE, 2010, p. 41).

Diante disso, percebemos que as discussões sobre o filme como instrumento didático-pedagógico não são atuais, não obstante muitos professores ainda se encontram distantes dessa ferramenta como suporte para dinamizar as suas aulas e atrair os alunos para o tema abordado. Tal acontece por diversas razões, que vão de falta de tecnologia, técnica para o uso até simplesmente a falta de interesse.

A escola contemporânea enfrenta grandes desafios. Dentre seus desafios, atrair os alunos para os conteúdos históricos, tornar os temas mais atrativos e interessantes aos adolescentes, podendo acionados recursos tais como livros didáticos, paradidáticos, filmes, documentários... Nessa linha de ação, o tema do filme foi sugerido pelo gestor, em decorrência de um campeonato de jogos que faria uso do tema dos mitos, mas também pela presença na caixa do Projeto Jovem Leitor de uma HQ sobre Hércules. O apoio da gestão e poder contar com material suplementar nos aninou bastante e, assim, planejamos a ação didática.

Cinema é comunicação, assim, precisamos aproximar os alunos do conteúdo do filme a partir do que chamamos na metodologia do projeto de **tópicos de sensibilização**. No caso desta experiência, utilizamos os seguintes: A jornada do herói e seus desafios; Que tipo de educação recebeu Hércules?; Como era a sua família?; Pelo o que lutava?; No que acreditava?; Quais são e o que significam os 12 trabalhos de Hércules?; Por qual motivo tem que fazer esses 12 trabalhos?

Depois de assistirmos ao filme, iniciamos o momento da discussão perguntando: “já conheciam a história?”. Se sim, “onde viram?” “O que é mito?” Depois perguntamos: “O que é um deus?” e “o que é um semideus?” Através destas perguntas, procurávamos criar um diálogo com os alunos, tendo a preocupação de torná-los tão participantes quanto nós as monitoras. Em todas as falas dos alunos sempre consideramos as suas visões. Em alguns momentos acrescentamos informação histórica, mas nunca negando o que disseram, como, por exemplo, quando diziam que “Hércules era muito poderoso e podia derrotar o seu primo”. Lançávamos um questionamento: “Para Hércules, não era apenas a força física que tinha grande importância, mas a capacidade de justiça e devoção aos deuses”.

Como vemos no filme, Hércules é filho de Zeus - deus dos deuses - e foi designado a exercer trabalhos considerados “impossíveis”, porém, através de sua força e intelecto, cumpre todas as tarefas. Iolaus, seu sobrinho o acompanhava e espalhava a lenda do semideus. O herói era famoso em todo o mundo grego pois era tido como um semideus filho de Zeus. Sendo assim, com sua lenda difundida, o rei Cotys (rei da Trácia) propõe que Hércules e seu grupo treine seu exército e que, para isso, fariam trabalhos remunerados. Nesse contexto, é evidente que as histórias são transmitidas com convicção (embora cada um reproduzisse de acordo com sua concepção), fato que ocorre ainda nos dias atuais, talvez um reflexo dos mitos que eram utilizado pelos gregos para explicar a sociedade, a origem do mundo e do homem, e os fenômenos da natureza. Após a exibição do filme “Hércules” e a leitura do HQ de mesmo nome, discutimos o mito de Hércules, a realização de seus trabalhos e o uso de seu intelecto para vencer os desafios, enfatizando que os deuses eram considerados divindades e compunham o sistema religioso daquela sociedade, mas que também possuíam uma dimensão de emoções humanas. Em particular, o mito de Hércules traz a percepção de que até mesmo os deuses sofrem, choram e são traídos.

Como afirma Cambi (1999, p.78-79):

Até os deuses são cidadãos (ainda que depois todos os deuses do Olimpo fossem cultuados); são deuses que protegem e inspiram a vida da comunidade, que são exaltados nas grandes festas urbanas por sacerdotes que não formam uma casta, mas são “leigos” ou oficiais de Estado “no mesmo sentido que generais, tesoureiros ou comissários de mercadores, com a mesma base de família, de riqueza, de experiência’, como ocorria em Atenas (Finley). E são “semelhantes aos homens” cujas histórias ou mitos “explicavam” o ritual e davam uma interpretação complexa do mundo.

Os deuses possuíam uma relevância na explicação dos acontecimentos, devido à ausência de métodos filosóficos e mesmo científicos para a análise dos eventos. Neste sentido, ao desenvolver a leitura da HQ, os alunos puderam distinguir deus de semideus, a força do herói no decorrer dos trabalhos foi bastante mencionada, o uso do intelecto e não apenas da força, traçar quadros comparativos entre distintas formas de conhecimento, dentre outros temas.

4. DISCUSSÃO E RESULTADOS

O filme era o elemento central, mas a HQ se apresentou com um elemento auxiliar, pela apresentação de material visual que poderia ser manuseado e lido extra sala de aula e ao expor o surgimento de vários deuses evidenciando a hegemonia dessas figuras naquela

sociedade e a presença do oráculo. Na Antiguidade Clássica, o oráculo possuía uma singularidade concreta na vida das pessoas, na medida em que ao receber indagações fornecia respostas. Tal pode ser identificado no mito de Hércules se observarmos que o oráculo lhe ordenou iniciar seus trabalhos e que estes seriam comandados por seu primo (Eristeu).

Durante a leitura da HQ, os alunos participaram com comentários sobre os acontecimentos, em decorrência da discussão sobre o conteúdo do filme. Um dos comentários destacava que o semideus armazenou o sangue da Hidra em suas flechas tornando-a uma arma mortal. Outro comentário destacava o fato de um deus (Zeus) se relacionar com uma mortal (Alcmena).

O envolvimento dos alunos foi bastante importante na aplicação do Projeto Hércules, porém, a leitura do HQ foi considerada cansativa e, por diversas vezes, os alunos iniciaram conversas paralelas sobre a temática ao invés de conversar de forma coletiva na sala de aula.

Consideramos bastante importante o fato de que os alunos perceberem que a moral regia os atos de Hércules. Hércules poderia facilmente derrotar o primo, mas pela honra cumpriu os trabalhos mais difíceis que lhe foi designado. Atentamos também para a questão da amizade, em momentos difíceis, Hércules descobre quem o ajuda e a inveja alimentada pelo primo espalhou a lenda de Hércules pelo mundo. Podemos então encontrar elementos éticos que estavam presentes naquela sociedade e que ainda hoje prevalecem (amizade, honra, trabalho, justiça, dentre outros).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão universitária é bastante importante no processo de formação do estudante de graduação, o envolvimento com projetos e seu desenvolvimento na escola proporcionam grandes aprendizagens que farão parte do repertório do profissional que nos tornaremos. Desafios existem, durante o projeto tivemos que ser flexíveis com os alunos para podermos concluir, pois percebemos uma resistência ao projeto pelo fato de ocupar as aulas vagas e impedir as sociabilidades “de corredor”, mas não deixamos nos abater e prosseguimos até sermos recompensadas com o interesse e envolvimento dos alunos nas discussões.

Procuramos atribuir dinamicidade ao projeto, trabalhando com o filme editado e nos acomodando ao tempo de duração da aula, bem como fazendo uso da HQ como suporte do filme, possibilitando uma análise dos mitos que despertou o interesse dos discentes em conhecer mais sobre o Mito de Hércules. Tais elementos tornaram a realização da ação mais proveitosa e gratificante e, para além disso, o projeto nos possibilitou conhecer e utilizar o filme como um instrumento pedagógico, visto que, em algumas situações conhecidas o filme é utilizado de forma descontextualizada ou para cobrir alguma falta de professor, portanto, sabemos da necessidade de analisá-lo (qual o texto e o contexto, quem é o público alvo e quem o fez?). Dessa forma, podemos tornar a aula um ambiente de críticas e reflexões, lugar de descobertas, na qual a criatividade, a capacidade de fazer conexões entre imagens, tramas, diálogos pode ser trabalhada nos filmes assistidos.

REFERÊNCIAS

CAMBI, F. A educação na Grécia. In: **História da Pedagogia**. São Paulo: UNES, 1999. p. 75-102.

- FERRO, M. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.
- MORETIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena et al. **História e cinema**: dimensões históricas do audiovisual. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011. p. 39-64.
- NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. In: NÓVOA, Jorge; BARROS, José D'Assunção (Orgs.). **Cinema-história**: teoria e representações sociais no cinema. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. p. 13-40.
- PROPP, V. I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- ROSENSTONE, R. A. Ver o passado. In: **A história nos filmes** - os filmes na história. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 27-54